

FORMAS DE VIDA INCOMPATÍVEIS

João Vergílio Gallerani Cuter

Departamento de Filosofia

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Universidade de São Paulo

Filosofia e literatura se interpenetram. São raros os grandes filósofos que não deram à expressão de suas ideias um acabamento literário refinado, que não tiveram uma preocupação tão grande quanto a de qualquer literato com o estilo. Um texto de Platão, Agostinho, Hume, Nietzsche, Heidegger, Wittgenstein, Quine ou Cavell é imediatamente identificável por suas escolhas vocabulares, construções sintáticas, figuras de linguagem e articulações argumentativas características. É igualmente difícil imaginar uma obra literária destituída de preocupações filosóficas. Quando essas preocupações tendem a zero, a obra tende à frivolidade, à insignificância. Por isso a filosofia tem um interesse tão grande para o literato, e a literatura, para o filósofo. São duas famílias cujos membros se frequentam, fazem empréstimos, trocas e por vezes se casam, dando à luz indivíduos híbridos, pertencentes tanto a uma família quanto à outra.

Em 1924, quando Lu Xun escreve o conto “Sabonete”, Wittgenstein tinha acabado de publicar o *Tractatus Logico-Philosophicus* e estava alfabetizando crianças no interior da Áustria. Sua fama estava restrita a um punhado de filósofos ingleses — basicamente, Russell, Moore e Ramsey — que haviam lido seu livro. As *Investigações Filosóficas*, principal expressão de sua filosofia madura, só serão publicadas postumamente, em 1953, quase duas décadas após a morte de Lu Xun. Seria completamente insensato alegar qualquer influência do filósofo austríaco sobre o escritor chinês. Mesmo assim, tomarei aquele conto como ocasião para desenvolver algumas reflexões de caráter wittgensteiniano no mesmo espírito com que um crítico literário poderia usar as ideias de um filósofo contemporâneo para explorar o sentido de uma obra literária mais antiga. Um texto é um organismo vivo, que só vai se constituindo aos poucos, pelas diferentes leituras são feitas dele, e isso faz com que ele vá se impregnando de todos os outros textos que participaram da formação de seus leitores. É este o lugar de que escrevo: o de um leitor de Wittgenstein que se debruça sobre um conto de Lu Xun e busca nele elementos para explorar uma filosofia que, para o próprio autor do conto, era completamente desconhecida. Começarei por uma descrição dos pontos que me interessam no enredo. Mais adiante, direi de que modo me parece que esse conto pode iluminar problemas que foram centrais para a filosofia de Wittgenstein.

*

*

*

A história é contada por um narrador que sabe muito, mas não tudo a respeito dos personagens. Trata-se de um desses narradores que nos fazem ver muitas coisas, obrigando-nos a entrever outras tantas nos silêncios, insuficiências e tensões da narrativa. A maior parte da história se passa num final de tarde na residência de um casal de meia idade que tem um filho de 14 anos e duas filhas mais novas. A mulher está brincando com a filha mais velha, quando seu marido, Siming, chega e lhe entrega um presente comprado na cidade. O narrador não usa a palavra “sabonete”. Descreve um embrulho pequeno, retangular, do qual emana uma fragrância indefinível. O papel é verde, e vem lacrado com um selo dourado e brilhante no qual se distinguem “desenhos minúsculos”. A mulher desembulha o presente muito devagar, e o narrador nos faz sentir cada uma das surpresas que ela vai tendo: com o papel de fora, o de dentro, que a princípio parece ser verde, mas na verdade é translúcido, e finalmente com o sabonete, que solta um odor forte quando fica completamente descoberto. Ao mesmo tempo que examina o presente, a esposa de Siming sente-se examinada. Lembra-se da sujeira acumulada atrás da orelha, que o marido, postado logo atrás dela, muito provavelmente está vendo. Deixa escapar a inquietação num murmúrio, culpando os métodos tradicionais de banho — “vagens de acácia não limpam muito bem...”, reconhece ela. A filha mais nova entra correndo, a outra filha quer ver o presente, mas a mulher as afasta, guardando o sabonete cuidadosamente reembrulhado no alto do armário, fora do alcance das filhas.

O marido, então, chama pelo filho, e lhe faz uma pergunta inusitada: O que quer dizer “èdúfù” (惡毒婦)? Ao contrário da primeira cena, em que tínhamos um objeto inicialmente sem nome, entra em jogo agora uma expressão linguística da qual Siming afirma desconhecer o significado. O efeito é desconcertante, pois o significado da expressão chinesa é perfeitamente conhecido pelo leitor. O filho de Siming não faz outra coisa senão repetir o que o leitor já sabe ao dizer que a expressão chinesa “惡毒婦” quer dizer “mulher malvada”. Apesar de óbvia, a resposta deixa o pai furioso. “Acha que eu não sei chinês?”, diz ele. “Acha que eu sou mulher? Quero saber o que significa “惡毒婦” em língua estrangeira!”. A obviedade do sentido se dissolve, pois o leitor, como o filho de Siming, não consegue imaginar qual possa ser o sentido daquela expressão numa “língua estrangeira” que, no instante seguinte, uma admoestação permite identificar precisamente. “É para isso que eu lhe pago escola com ensino de inglês?”, pergunta o pai ao filho.

A incapacidade do filho desencadeia uma longa série de comentários mais ou menos contraditórios feitos por Siming na presença da esposa — comentários nascidos de uma mistura de modos de pensar incompatíveis que marcam esse personagem de Lu Xun e o transformam numa espécie de símbolo da transição pela qual a China está passando nas primeiras décadas do século XX.

Não sabemos ao certo a idade de Siming. A se julgar pela idade dos filhos, deve ter por volta de 40 anos. Como a ação se passa no início dos anos 20, podemos concluir que Siming chegou à idade adulta no final da dinastia Qing, mais ou menos no período em que o imperador Guangxu tentou implementar uma série de reformas no sistema educacional chinês. A China vinha de uma série de derrotas militares dramáticas ao longo da segunda metade do século XIX, que levaram o país à ruína. Isso motivou um esforço de modernização que tinha como um dos seus pilares a mudança no sistema de educação tradicional, até então baseado no estudo dos clássicos e completamente refratário à cultura ocidental. Em 1898, aconselhado por um grupo de intelectuais, o Imperador Guangxu resolve reformar radicalmente o sistema abolindo os exames públicos e incentivando estudos técnicos e científicos, mas a reforma é abortada por um grupo político apoiado pela tia do imperador, Cixi, que passa a exercer o poder de fato. O Imperador será mantido em prisão domiciliar até a morte. No entanto, a reforma será gradualmente implementada pela própria Cixi nos dez anos seguintes. Os Exames Imperiais, por exemplo, são abolidos em 1905. É nesse clima de mudança cultural profunda que Siming se formou, e são as contradições dessa época que ele a um só tempo expressa e simboliza.

Ofendido em inglês por jovens insolentes numa loja que vende produtos ocidentais, ele se arrepende de ter apoiado, na juventude, a reforma do ensino proposta pelo Imperador Guangxu. Deslocado num mundo em que até mesmo seu modo de tomar banho se tornou ridiculamente ultrapassado, Siming se arrepende de estar pagando para que o filho estude numa escola bilíngue. Só ficam falando em liberdade e democracia, diz ele. “Não ensinam nada de sólido”. O filho nem sequer é capaz de dizer que insulto lhe foi dirigido. A reação de Siming, no entanto, está limitada por uma consciência oscilante da completa inadequação do ambiente cultural em que ele próprio se formou. Ao dizer que “não ensinam nada de sólido” nas escolas, ele se volta contra a pregação dos valores democráticos, mas igualmente contra a ineficiência na obtenção de resultados práticos. O filho deveria estar falando inglês para ajudá-lo a enfrentar sua própria inadequação à contemporaneidade, e no entanto mostra-se incapaz de decifrar o que jovens de sua idade lhe disseram na perfumaria. “Aposto que só lhe enfiaram os clássicos goela abaixo...”, ele arremata, retomando velhos bordões reformistas da época do Imperador Guangxu.

A mesma posição hesitante e limítrofe se repete quando ele resolve expandir sua raiva para o campo da educação feminina. Suas duas filhas devem ou não ir para a escola? Devem ou não se ocidentalizar? Siming lembra-se que criticava o avô quando este dizia que mulheres não devem estudar — e é fácil entrever ali o mesmo entusiasta das reformas de Guangxu em confronto com uma geração mais velha, cujo apego às tradições havia condenado a China à derrota e à humilhação. A uma esposa que presta muito

pouca atenção a seu discurso enraivecido, ele declara reconhecer que seu avô tinha razão. Não gastará dinheiro com a educação das filhas. A decadência moral das mulheres parece-lhe, afinal, a mais perigosa ameaça sofrida pelo país. As moças que andam pela rua com cabelo curto, à moda ocidental, são “piores que bandidos”, diz ele. No entanto, o que ele acaba de fazer, senão presentear a própria esposa com um produto ocidental típico — um sabonete, em substituição às velhas vagens de acácia? O que indica a atitude cautelosa da esposa, pondo o sabonete num lugar inalcançável, senão que ela adorou o presente e não pensa de modo algum em compartilhar aquele perfume indescritível com as crianças da casa? Ela ouve com atenção o recado prático dado pelo marido, e não dá muita trela ao discurso reacionário que a ofensa sofrida põe em sua boca. Só podemos imaginar que o lugar daquele sabonete estava pronto naquela casa, ainda que seu dono tivesse uma ideia muito imprecisa da natureza exata do objeto oferecido à esposa.

Ao mesmo tempo, a audição passiva da intenção declarada de não pôr as filhas na escola, delata a posição igualmente ambígua da esposa — uma mulher saída do mesmo universo em transição em que o marido se formou. Ela talvez não ligue muito para o conteúdo das palavras de Siming, pois compreende que elas são a mera tradução apressada do orgulho ferido de um homem de meia idade, mas seria difícil entrever naquele silêncio resignado qualquer tipo de revolta interior e oculta contra a ideia de fazer das filhas um espelho daquilo que ela mesma se tornou — uma mulher que se contenta com o reinado doméstico e completamente destituída dos meios financeiros para afirmar algo tão simples quanto o desejo de substituir vagens de acácia por um sabonete. Não se trata de modo algum de uma mulher fraca, como a continuidade do conto irá nos mostrar.

Siming não sabia comprar sabonetes. Estava aí a raiz do tal xingamento que lhe foi lançado na cara. Não tinha ideia de quanto custavam, em primeiro lugar, e se surpreende ao ver produtos semelhantes custando até dez vezes o preço de outro. Pede para o vendedor lhe mostrar todos, e não atina um modo de se decidir entre eles. Queria abrir as embalagens, examinar mais de perto as qualidades de cada um, já que os “minúsculos desenhos” alfabéticos impressos nos rótulos e selos nada lhe diziam. Fica zangado diante da negativa, e sua zanga começa a atrair a curiosidade e a pilhéria dos circunstantes. Provavelmente inflado pela audiência, o vendedor torna-se cada vez mais insolente, e um adolescente desfere a ofensa inalcançável, que o paralisa: “èdúfù!”.

O filho de Siming se desespera para encontrar palavra de som semelhante em seu dicionário de inglês. Pateticamente, o pai pede ao filho que procure a palavra na “seção de insultos”, presumindo talvez que dicionários de língua estrangeira devessem estar organizados, como os chineses, por radicais ou algo

semelhante. O universo ocidental é tão distante para Siming, que até mesmo a ordem alfabética lhe é completamente estranha. A observação gera um efeito cômico que sublinha o fosso existente entre o mundo no qual aquele homem foi educado e o mundo no qual ele deve educar seus filhos. Numa reviravolta típica, porém, um episódio antecedente ao enigmático insulto irá nos mostrar o quanto Siming já está envolvido nas malhas de uma forma de vida que ele não consegue compreender completamente, de tal modo que seu discurso arcaico é apenas uma das últimas partes de si que ainda não se inseriram no novo mundo que o circunda.

Para estabelecer um contraste com a insolência dos jovens que o destratarem, Siming lembra-se de uma jovem que mendigava na calçada. Apesar de faminta, dava todo o alimento que conseguia para a avó. Um exemplo de respeito aos mais velhos, de apego aos valores e virtudes tradicionais. “Uma neta com verdadeira piedade filial”, ele suspira, acionando um dos lados de sua identidade cindida. “Fiquei por ali um bom tempo”, diz ele, “mas ninguém deu nenhuma moeda à menina. Pelo contrário... Caçoavam dela! Um deles chegou a dizer que, após um banho com água e sabão, ela não ficaria nada mal.” A esposa percebe rapidamente a conexão entre a cena na calçada e a iniciativa de lhe comprar um sabonete, e lança a pergunta fulminante: “Você deu dinheiro à menina?” Siming, desconcertado, responde que só tinha moedas muito pequenas no bolso. “Não eram dignas dela...”, completa, constrangido.

A esposa se retira em silêncio e vai fazer o jantar. Siming caminha em silêncio para o quintal, ciente de que sua máscara havia caído. Que máscara é essa? Do ponto de vista da esposa, o presente recebido ficou envolto em significações desagradáveis. Ela se sente suja como a mendiga, e reconhecida enquanto tal pelo marido, que lhe teria comprado o presente na esperança de que, usando o sabonete, ela ficasse mais atraente do que é. Além disso, a resposta de Siming deixou claro de que lado ele estava naquela cena. Se estivesse indignado com as piadas, se valorizasse sinceramente a atitude da moça como exemplo de “piedade filial”, ele teria dado a ela algum dinheiro. Uma moeda que fosse. Enfrentaria o sarcasmo das pessoas com um gesto simples, e possivelmente teria feito com que todos se calassem. Mas ele não fez isso, e a esposa percebe imediatamente que, no mínimo, ele se identificou com os outros homens que, zombando, deixavam escapar uma expressão de desejo pelo corpo da jovem. “Após um banho com água e sabão, ela até que não ficaria mal...”

A mulher não teria dado maior atenção ao relato do desrespeito das pessoas para com uma mendiga, não estivesse esse relato pessoalmente vinculado a ela — aos desejos do marido por outra mulher e às motivações que ele teve para lhe trazer o presente. A esposa move-se, no fundo, na mesma teia de ambiguidades que o marido. Ela também se sente uma estrangeira na nova ordem. Toma banho com vagens de acácia, e nunca tinha visto um sabonete até aquela tarde. Se teve estudo, não passou das primeiras

letras. Foi muito provavelmente criada por um pai que pensava como o avô de Siming no tocante à necessidade ou mesmo conveniência do estudo para as mulheres. Há um contraste vivo, no conto, entre seu mutismo diante das opiniões do marido e sua rapidez ao desvendar a situação embaraçosa escondida por trás do incidente com a mendiga. Ela não é uma tola. É uma mulher inteligente e muito forte. Enfrenta o marido com palavras duras e diretas: “Não sei por que não foi atrás daquela neta piedosa! Já comprou um sabonete. Só falta comprar outro. É para ela que você comprou esse sabonete. Vá até lá e a esfregue!!! Vocês, homens, quando não estão amaldiçoando meninas estudantes, estão elogiando meninas mendigas!”

Siming, em comparação, é um pouco atoleimado. O filho em pouco tempo desvenda o segredo por trás da expressão “èdúfù!”. É simplesmente o modo como o pai havia ouvido a expressão “old fool” (“velho idiota”). O jovem não diz nada. Sabe que o comportamento do pai na loja fizera jus à expressão, e que a revelação de seu sentido literal seria, por isso, constrangedor. Poupa-o. No entanto, a visita inesperada de dois amigos de Siming durante o jantar irá reforçar essa impressão no leitor. Os dois chegam agitados, pois precisam urgentemente inscrever um ensaio e um poema num torneio promovido por uma liga literária local. Um dos amigos, Daotong, traz o ensaio já escrito, no qual defende a edição de um decreto “que promova os clássicos confucianos e o culto da mãe de Mêncio para preservar o caráter nacional”. Ainda falta, porém, a poesia. Siming sugere que inscrevam uma poesia que tenha como título “A filha piedosa”, e reconta aos dois amigos a cena que presenciou naquela tarde. Quando reproduz o comentário obsceno que ouviu alguém fazer — “se esfregar um sabonete no corpo, até que ela não é de se jogar fora” — um dos amigos começa a rir compulsivamente, para desespero de Siming, que sabe que a mulher está ouvindo tudo.

Ao voltar para a sala, Siming encontra o sabonete posto bem no centro da mesa, e a esposa imóvel na cadeira, senhora da situação. No dia seguinte, quando o marido se levantar, ela já estará esfregando a nuca com ele. A partir daquele dia, o cheiro do sabonete não deixaria mais a casa. No começo, aquele mesmo cheiro, lembrando olivas. Depois, um outro, rescendendo a sândalo.

Essa é a história.

*

*

*

É curioso o papel desempenhado pelos nomes (ou pela ausência de nomes) nos contos de Lu Xun. O caso mais famoso talvez seja o de Ah-Q, um miserável que insiste em transformar derrotas muito reais em vitórias éticas imaginárias. Ninguém sabe seu nome. Ele não tem nome. Ninguém sabe qual é sua família ou sua cidade de origem. Condenado à morte, após uma série de infortúnios, ele assina sua confissão fazendo um círculo no papel. No último momento, porém,

sua mão escorrega e ele acaba desenhando uma letra Q, e fica conhecido a partir daí como o “Quezinho”. O nome de Ah-Q efetua, por isso, uma completa desnominização do personagem: não é seu sobrenome, nem seu prenome, não corresponde a nenhum ideograma e, na escala alfabética ocidental, está aquém de qualquer nome, está aquém de qualquer sílaba — é uma só letra.

O “Sabonete” é um conto cujo título designa uma coisa que é minuciosamente apresentada ao leitor nas linhas iniciais do conto... sem nome algum. O efeito literário da passagem é claro: o texto transporta o leitor para a perspectiva de alguém que jamais usou ou desembulhou, ou simplesmente pegou nas mãos uma barra de sabonete. O nome claramente já é conhecido de Siming e de sua esposa, que provavelmente seriam capazes de produzir uma descrição aproximada de um sabonete. Falta-lhes, sem dúvida, conhecimento de trato. Mas a distância entre o casal e aquele objeto é ainda maior que a existente entre uma descrição genérica e o conhecimento de trato. Num primeiro momento, a mulher não é capaz de perceber que está ganhando um sabonete, pois não consegue ler o rótulo do produto. Os símbolos escritos, porém, são apenas uma parte daquilo que o casal não consegue “ler” no produto. É o próprio objeto que não se deixa ler facilmente. Ambos sabem, por certo, para que serve um sabonete, onde é comprado, suas vantagens em relação à vagem de acácia e coisas do tipo. Não se trata de um “algo” indeterminado, mas de um produto usado pelos ocidentais no banho, que pode ter diversos perfumes e limpa bem melhor a sujeira do corpo que os equivalentes cosméticos locais. Falta-lhes, além do conhecimento de trato que estão tendo naquela hora, uma certa familiaridade prática com o objeto. Não há lugar definido para ele na casa (a mulher o põe em cima do armário da pia, depois em cima da mesa da sala), não se sabe muito bem como abri-lo (rasga-se a embalagem? ou só o lacre? conserva-se o papel manteiga que o envolve?), não se sabe muito bem como usá-lo (aplica-se diretamente ao corpo, como as vagens? junto com a água, antes, ou depois dela?), ou mesmo comprá-lo (pode-se pedir ao vendedor que abra o produto para um exame prévio?). Não faria sentido perguntar, naquele contexto, qual o sabonete preferido da mulher — pergunta perfeitamente natural entre usuárias mais experientes, que escolherão entre o odor de olivas e o de sândalo.

Um sabonete é um sabonete e suas circunstâncias “rituais” de uso. Fora daí, não é objeto de toilette, nem objeto verde perfumado, nem objeto, nem nada. Assim como há uma sintaxe do som, há também uma sintaxe do objeto, e podemos dizer que o casal do conto de Lu Xun domina apenas parte dessa sintaxe. Essa sintaxe do objeto vai muito além dele próprio. Uma suposta união do nome a um objeto não nos daria base suficiente para articular um som significativo, que dirá uma sentença dotada de sentido. A sintaxe do nome amplia a sintaxe do objeto, dando-lhe corência no plano de

nossas trocas linguísticas. Vou à loja e peço por um sabonete. O vendedor me faz algumas perguntas e me traz quatro ou cinco tipos diferentes. Escolho um deles, pago, digo muito obrigado e vou-me embora. Temos aqui duas sintaxes entretecidas — a do nome e a do objeto. É isso que o sabonete do conto de Lu Xun exemplifica. Quando não dominamos essa ordem sintática, ou não a dominamos completamente, o que temos é a exclusão linguística total ou parcial, o afastamento da comunidade dos falantes que qualquer um de nós sentiria se fosse posto no meio de uma conferência sobre a química dos sabonetes, por exemplo. Poderíamos tentar uma integração precária, mas mais cedo ou mais tarde patentearíamos nossas insuficiências e o melhor seria nos retirarmos do diálogo. Qualquer tentativa de mantê-lo seria vista como uma tolice — um erro sintático, para usar os termos que escolhi.

É curioso que, em determinadas épocas da história, somos postos diante daquilo que poderíamos chamar de “revoluções sintáticas”. A sintaxe está sempre mudando, e essas mudanças são na maioria das vezes graduais. Mas há também mudanças bruscas, ocasionadas por fatores como guerras, revoluções políticas e econômicas, novas tecnologias, e assim por diante. Nesse cenário, costumes adotados irrestritamente durante séculos podem desaparecer completamente no espaço de poucos anos, quase sem deixar vestígios. A situação da China na passagem do século XIX para o século XX é exemplar. Há uma revolução completa na política, na economia e, acima de tudo, nos valores e costumes tradicionais. No espaço de poucos anos, hábitos seculares, como o uso da trança simples e o costume de enfaixar os pés das mulheres, são completamente abandonados e vistos, pelas novas gerações, como algo ridículo, a ser ultrapassado. Siming é um homem cindido entre dois universos vivenciais: o da China tradicional, em que nasceu e foi educado, e o da China que almeja abandonar completamente esse passado e se inserir no mundo. São jovens nascidos nessa nova China que dirigem a Siming o insulto que ele não consegue compreender. Sabe que foi ridicularizado, e desconfia que o motivo está ligado ao modo como se portou diante do vendedor. “Devo ter parecido muito detalhista”, ele diz. Na verdade, o que ele revela é seu pertencimento a uma outra forma de vida — uma forma de vida na qual aqueles jovens não se reconhecem e da qual querem se livrar a qualquer custo. Reconhecem imediatamente nele um representante da velha ordem e passam a falar em inglês entre si, tendo certeza absoluta de que não serão entendidos.

Um insulto é um jogo de linguagem entre outros. Trata-se de um uso regrado de palavras, com uma sintaxe muito própria, na qual cabem gradações, ajustes à situação, ao interlocutor, a outras coisas ditas anteriormente, cálculos do que se dirá ou se fará depois, tudo isso colocado em linhas de oposição normativa muito claras. Há insultos mais ou menos adequados, mais ou menos justos, mais ou menos

oportunos, mais ou menos inteligentes, e assim por diante. O jovem que chama Siming de “velho idiota” tem, talvez, um certo prazer sádico na humilhação de um personagem a seus olhos detestável, e os jovens que assistem à humilhação talvez compartilhem o mesmo prazer. Mas claramente não se trata ali de mero destempero verbal motivado por uma explosão emocional. Não imaginamos o insulto berrado aos ouvidos de seu alvo. É antes num tom de voz comedido — talvez mesmo num sussurro — que tendemos a imaginá-lo. Pois, quem o faz, pretende estar embasando a ofensa numa avaliação perfeitamente justa da pessoa ofendida, com base num comportamento objetivamente observado. “Esse homem não sabe, por acaso, que ninguém desembrulha um sabonete antes de comprá-lo? Que velho idiota!”. Essa dimensão normativa do insulto, porém, só está acessível aos colegas do adolescente e, possivelmente, ao balconista da loja. Insultando Siming em inglês, o jovem o colocou fora de seu círculo de interlocuções. Acreditava ter razões para dizer o que dizia, e acreditava que tanto seus colegas quanto o balconista reconheceriam essas razões como válidas, mas não reconhecia naquele homem ultrapassado uma instância adequada de avaliação de seu insulto. Ele é, para todos eles, um estrangeiro, nascido num outro país, num outro tempo, numa outra forma de vida. Mesmo quando fala em chinês, fala uma língua que nenhum deles compreende, na qual nenhum deles teria condições de manter uma interlocução racional.

Siming está longe de ser um ignorante. Tem um círculo de amigos um pouco antiquados, é verdade, mas no qual, de todo modo, a educação formal é um pressuposto. Escrevem ensaios e poesias, participam de certames literários, têm ideias a respeito de como salvar a China e sua cultura milenar. Seria um engano achar que todos pensam o mesmo a respeito de todos os assuntos, ou mesmo a respeito da maioria deles. Discordam, discutem, argumentam, apresentam razões a favor ou contra uma determinada ideia. Estão reunidos, naquele final de tarde, exatamente com esse propósito: chegar a um acordo sobre o ensaio e a poesia a serem encaminhadas ao certame. Será conveniente aprovar a moção em favor de um culto à mãe de Mêncio? Seria a mendiga um bom exemplo de piedade filial? Será esse um bom tema para a poesia? Todos ali falam a mesma língua, mas isso não implica num compartilhamento irrestrito de opiniões. É muito provável que naquele, como em qualquer círculo desse tipo, as discussões e divergências ocorram com frequência. Mas, para que essas discussões ocorram, é preciso que uma série de outras coisas estejam fora de discussão. É preciso que nem tudo seja suscetível de uma argumentação contrária e que, num número imenso de casos, a mera tentativa de argumentar seja considerada uma infração sintática. É isso que faz deles uma comunidade de falantes, e não meramente o uso do mesmo código escrito ou falado.

É isso que torna igualmente possível o desentendimento entre Siming e sua esposa. Eles só se

desentenderam porque se entendem perfeitamente a respeito de quase tudo. Discordam a respeito de algumas coisas, mas não de todas. São capazes de se insultar genuinamente, de sentir vergonha diante da denúncia de um erro ou de uma hipocrisia, de avaliar em seus próprios termos o que o outro está dizendo. É o contrário disso que acontece com os jovens da perfumaria. Siming sente-se insultado, é claro, e quem o insultou quis também produzir esse efeito. Mas o produziu sem nenhuma esperança de que o comentário tivesse contundência pelo reconhecimento de sua justeza, como acontece quando a esposa dirige a Siming palavras mais duras. Ela clama por reconhecimento do marido. Os jovens só querem marcar seu desprezo e sua distância de alguém em quem eles, no fundo, não reconhecem a capacidade da interlocução racional.

É possível que eles se enganem. Siming e a mulher estão condenados a aprender a linguagem dos novos tempos, nem que seja aos trancos e barrancos. O mundo em volta lhes vai enfiando sua sintaxe goela abaixo. A sintaxe do sabonete está incompleta, como vimos, mas falta muito pouco para ela se completar. O sabonete torna-se item constante naquela casa, e depois de seis meses a mulher já começa a escolher diferentes tipos de sabonetes. Não sabemos se as filhas de Siming irão estudar inglês, mas sabemos desde logo que não esfregarão mais o corpo com vagens de acácia. Cortarão os cabelos curtos e usarão saias, como todas as outras meninas de sua idade. Siming e a esposa provavelmente jamais se tornarão fluentes no novo idioma da China pós-imperial. Serão como velhos imigrantes dentro de seu próprio país, chegados de um passado que vai tomando cada vez mais as feições de uma figura histórica endurecida, que podemos estudar nos livros de história, mas não vivenciar no dia a dia.